



DREAMWALKER

CONTOS

Oníricos

NÚMERO - 1

O Trem foi concebido a partir de uma série de intensos sonhos lúcidos, onde o subconsciente guiou a narrativa por caminhos enigmáticos e repletos de significados ocultos. Cada capítulo reflete essas experiências oníricas, trazendo à tona conflitos internos que simbolizam a luta entre o real e o sonhar. O processo criativo foi enriquecido pelo suporte da Inteligência Artificial, que ajudou a expandir os limites da imaginação e moldar a atmosfera única do conto. A IA desempenhou um papel essencial na construção de cenários e na complexidade filosófica da história, permitindo uma fusão harmoniosa entre o mundo dos sonhos e o raciocínio lógico. Esta obra é um testemunho da colaboração entre a criatividade humana e a tecnologia, e convida o leitor a explorar uma realidade em que os limites entre o real e o imaginário se dissolvem, revelando verdades profundas sobre a condição humana.

O TREM

ÍNDICE

1. O CALÇADÃO DO SR. SAPO
2. O TREM NEGRO
3. OS EXECUTORES SILENCIOSOS
4. A CORRIDA IMPLACÁVEL
5. OS HOMENS DE TERNO
6. O HOMEM NA SALA



DREAMWALKER

CAPÍTULO 1 — O CALÇADÃO DO SR. SAPO

Era uma noite aparentemente comum no Bairro Pindorama. O céu, estrelado e imponente, brilhava com uma serenidade que parecia quase desafiadora, como se as estrelas fossem olhos que testemunhavam segredos antigos. Eu estava ali, junto de Silvinho, Dani, Paulão, Kleia e todos aqueles amigos que, por tanto tempo, haviam sido meus companheiros de infância e juventude. Era 2004, mas a energia daquela noite nos transportava de volta a um tempo mais simples. Não importava que já tivéssemos 21 anos; naquele calçadão, éramos outra vez as crianças que corriam pelas ruas, livres e cheias de sonhos.

Nos reuníamos sempre no calçadão do Sr. Sapo, uma esquina elevada que, como uma espécie de mirante improvisado, nos dava uma visão privilegiada da cidade e de seus arredores.

Dali, víamos os prédios distantes recortando o horizonte, enquanto o verde escuro dos mangues formava uma espécie de moldura natural. Abaixo, corria a velha linha do trem, dividindo o Conjunto I do Conjunto II, sempre presente, como um símbolo silencioso de fronteiras invisíveis. As luzes amarelas dos postes lançavam um brilho suave sobre o cenário, dando àquela noite uma aura quase mágica.

Naquele instante, o calçadão era um refúgio de alegria. As meninas jogavam elástico e brincavam de queimada, seus risos preenchendo o ar com uma leveza quase etérea. Nós, os rapazes, estávamos mergulhados em nossas próprias diversões: jogos de biloca, pega-pega, e alguns se exibiam com manobras ousadas em bicicletas e skates. Tudo ali parecia normal, até que uma sensação estranha começou a se espalhar entre nós. Era como se o ar estivesse ficando mais pesado, mais denso, carregado de uma presença invisível.

De repente, no meio daquela algazarra despreocupada, um som irrompeu da escuridão. Não era o barulho familiar das brincadeiras, nem o apito do trem ao longe. Era uma voz — grave, profunda, quase sobrenatural. Parecia vir de algum lugar abaixo de nós, reverberando pela terra como se fosse o eco de algo que estivesse adormecido por séculos. Aquela voz não era humana; seu timbre gutural parecia vir das profundezas, como se o próprio solo estivesse falando. Não entendíamos as palavras, mas seu impacto foi imediato e visceral. Era como se aquele som tivesse atravessado nossas peles e atingido algo mais profundo, mais primordial.

Um calafrio percorreu minha espinha, e pude ver que não era o único. Todos nós, como que movidos por uma força invisível, paramos e nos voltamos na direção de onde acreditávamos que o som tinha vindo.

O silêncio que se seguiu era ensurdecedor, preenchido apenas pelo pulsar acelerado dos nossos corações. O medo, antes uma emoção distante, agora pairava sobre nós como uma sombra densa e inescapável.

Lentamente, nos aproximamos da beira do calçadão, nossos olhares fixos na linha do trem. Tentávamos encontrar uma explicação, algo que fizesse sentido, mas tudo o que havia diante de nós era o vazio escuro da noite. E então, o apito do trem cortou o silêncio, uma vez, duas vezes, três. O som familiar, que em outra ocasião poderia ser reconfortante, agora soava como um presságio.

E foi aí que o vimos. Saindo das sombras, entre a névoa fina que parecia ter surgido do nada, ele apareceu.

CAPÍTULO 2— O TREM NEGRO

O trem emergiu da escuridão como uma criatura desperta, lenta e inexorável, rasgando o véu da noite com sua presença colossal. Não era uma simples máquina a vapor, dessas que já tínhamos visto cruzar o horizonte muitas vezes. Não, aquilo era uma entidade. Suas engrenagens ruidosas e sua carcaça negra pareciam ser feitas do próprio tecido da noite, como se cada pedaço de ferro e aço fosse moldado pelas sombras de eras distantes. Enquanto avançava pela linha, o som de suas rodas rangendo contra os trilhos parecia reverberar dentro de nossas cabeças, um som que não pertencia àquele mundo, um lamento do passado.

No flanco do trem, estranhas inscrições fluorescentes reluziam em um verde doentio, lançando um brilho espectral sobre tudo ao redor. As palavras, ou o que eu pensava serem palavras, não pertenciam a nenhum idioma que eu conhecesse.

Lembravam os traços complexos do árabe, mas havia algo muito mais antigo e profano naquela caligrafia, como se fossem runas perdidas de uma civilização que o tempo se recusou a lembrar. Ao olhar para os símbolos, uma sensação de vertigem me atingiu, e algo profundo em mim sussurrou que aquele trem não pertencia à nossa realidade.

Ele avançava devagar, quase com solenidade, como se estivesse nos observando, como um predador brincando com suas presas antes do ataque final. O ar ao redor começou a se comprimir, e a temperatura caiu subitamente, nos envolvendo em um frio cortante que não era natural. Enquanto o trem passava, pude sentir o tempo e o espaço se distorcerem ao nosso redor. Era como se estivéssemos presos em uma bolha onírica, uma realidade suspensa onde a lógica não mais prevalecia. Estávamos presos em um pesadelo coletivo, impotentes diante do que quer que fosse aquela entidade.

Então, o medo tomou conta de nós. Ninguém precisou falar, ninguém precisou gritar. Era instintivo. Corremos. Corremos como animais acuados, com o coração batendo em uníssono, em um terror primitivo que só a presença da morte pode evocar. Os sorrisos infantis de minutos antes haviam desaparecido, substituídos por expressões de puro pânico. Cada um de nós corria em direções diferentes, como se o simples ato de fugir pudesse nos salvar do que estávamos testemunhando. O som das nossas passadas desesperadas ecoava na noite, misturado ao grito metálico das engrenagens do trem, que agora parecia cada vez mais próximo, mesmo que nunca aumentasse sua velocidade.

Mas à medida que corria, percebi algo estranho. Minhas pernas se moviam com vigor, meus pulmões ardiam pela falta de ar, mas eu não parecia avançar.

Cada passo que eu dava era como uma luta contra um vento invisível, uma força que me empurrava para trás, me prendendo em um lugar que eu não queria estar. Eu me forçava a continuar, mas era como se o espaço à minha frente se alongasse, se esticasse como borracha, criando uma distância interminável entre mim e minha casa. O chão sob meus pés parecia instável, como se o próprio concreto estivesse se derretendo, se desfazendo sob a luz verde fantasmagórica que emanava do trem.

O desespero crescia dentro de mim. Olhei para os lados e vi que meus amigos também estavam presos na mesma armadilha invisível. Seus rostos estavam contorcidos de esforço e medo, e suas silhuetas tremulavam na escuridão, distorcidas pelo tempo quebrado ao nosso redor. Nossas vozes se mesclavam com o som do vento e dos gritos distantes que vinham do trem.

Eu sabia que precisava chegar em casa, precisava alcançar a segurança do conhecido, do familiar. Mas algo estava errado, profundamente errado.

Quando finalmente consegui erguer a cabeça e olhar à frente, o mundo ao meu redor havia mudado. Minha rua, meu refúgio, o caminho que eu conhecia de olhos fechados, não estava mais lá. No lugar das casas familiares, surgiam construções deformadas, tortuosas, com janelas que se contorciam como bocas sem dentes e portas que pareciam olhos cegos. Era como se o bairro tivesse sido consumido por uma presença sombria e viva, algo que transformava tudo ao seu redor em uma paródia sinistra do que já havia sido.

O trem, agora parado no horizonte, continuava a nos observar. Sabia, no fundo da minha alma, que ele não era o fim, mas apenas o começo do que estávamos prestes a enfrentar.

A noite, que antes parecia apenas um pano de fundo tranquilo para nossas brincadeiras, agora nos envolvia como uma manta de desespero. Estávamos em outro lugar, em outro tempo. O Conjunto Panorama não existia mais. Tudo ao redor era uma projeção de nossos medos mais profundos, e estávamos presos dentro dela.

De alguma forma, eu sabia: o que quer que aquele trem trouxera, ele estava apenas começando.

CAPÍTULO 3— OS EXECUTORES SILENCIOSOS

Ao levantar os olhos, o mundo que eu conhecia havia sido rasgado e refeito por uma mão impiedosa. A rua, outrora familiar, agora se contorcia como algo doente, vivo. O chão estava coberto por um manto pulsante de larvas, criaturas translúcidas que rastejavam em uníssono, movendo-se com uma lentidão agourenta, quase como se estivessem saboreando a destruição ao seu redor. A visão me revolveu o estômago. O cheiro ácido que emanava delas misturava-se ao ar, trazendo consigo a sensação de que o próprio ambiente estava apodrecendo, dissolvendo-se aos poucos.

Enormes blocos de pedra, como dentes desenterrados de um gigante soterrado nas profundezas, haviam surgido da terra. Eles se erguiam, angulosos e tortuosos, rompendo o chão de asfalto e estendendo-se em direções impossíveis.

A familiaridade do bairro havia sido transformada em algo antinatural, um pesadelo feito de fragmentos de realidade quebrada. Mesmo assim, algo dentro de mim — uma força movida por puro pavor — me impelia a continuar correndo. Cada passo que eu dava era uma tentativa desesperada de saltar entre as pedras, de evitar o mar de larvas que se agitava sob meus pés, tentando me puxar para o abismo.

Foi nesse frenesi de fuga que o verdadeiro horror se revelou. Eles surgiram flutuando sobre as larvas, como se fossem sombras vestidas de carne. Homens, ou algo que uma vez talvez tenha sido humano, vestidos em impecáveis ternos negros. Seus pés nunca tocavam o chão. Permaneciam suspensos no ar, imóveis, como juízes sem rosto prontos para executar uma sentença antiga e imutável. O que me aterrorizava, mais do que sua presença, eram seus rostos — ou a ausência deles.

Seus olhos, completamente vazios, não transmitiam nada. Nenhuma emoção, nenhum julgamento, apenas um vazio que parecia puxar minha alma, sugando toda esperança.

Em suas mãos, pistolas prateadas. Brilhavam de forma hipnotizante sob a luz esverdeada que ainda emanava das estranhas inscrições no trem. Eles não falavam. Não gritavam ordens ou ameaças. Apenas erguiam suas armas de maneira metódica, sem pressa, como se o tempo obedecesse à sua vontade. E então disparavam. O som dos tiros ecoava no silêncio da noite distorcida, como trovões abafados que não combinavam com o tamanho da destruição que causavam. Eu vi amigos e vizinhos caírem, um a um. Cada tiro encontrava sua marca com precisão cirúrgica, estourando a fronte de cada vítima como se fossem alvos predestinados.

Os corpos caíam sem resistência, como se a vida tivesse sido sugada antes mesmo de o impacto ocorrer.

O sangue misturava-se às larvas, que se agitavam em êxtase, devorando rapidamente tudo o que tocavam. Daniele, que correra ao meu lado por tantos anos, estava agora caída com um buraco perfeito na testa, seus olhos opacos mirando o nada. O choque daquela cena me cortou como um bisturi, cada morte mais cruel que a anterior, esculpida com a precisão fria das mãos dos homens de terno.

E, no entanto, algo estranho acontecia. Eu corria desajeitado, tropeçando nas pedras, desviando das larvas, mas as balas nunca me tocavam. Eu sentia o vento frio de cada disparo roçar minha pele, sentia a vibração da morte passar ao meu lado, mas, de algum modo inexplicável, os projéteis jamais me atingiam. Como se uma mão invisível me protegesse, desviando as balas no último segundo. Era um milagre, mas um milagre macabro, que ao invés de me confortar, apenas intensificava o terror. O horror de sobreviver quando todos à minha volta sucumbiam.

O terror era absoluto, inominável. Cada amigo, cada rosto que eu conhecia desde a infância, agora se desfigurava no chão ao meu redor, desprovido de vida, engolido pelas larvas que rastejavam como um pesadelo incessante. Mas eu não parava. Não podia parar. O instinto primal de sobrevivência, misturado ao pânico e à necessidade desesperada de proteger minha família, me impulsionava além do medo.

Meu peito ardia, o ar rarefeito queimava meus pulmões. Meus músculos clamavam por descanso, mas a visão dos homens flutuantes, com suas armas erguidas, me impedia de ceder. Eu precisava continuar. Precisava chegar em casa, ver meus pais, meus irmãos. Precisava acreditar que, se conseguisse alcançar aquele santuário, tudo isso acabaria. Mas quanto mais eu corria, mais a sensação de que o mundo ao meu redor desmoronava crescia.

E então, diante de mim, vi surgir algo que não esperava. O caminho à frente começou a se desfazer, como se o chão estivesse sendo tragado para dentro de um buraco negro, sugando cada pedaço do mundo familiar que eu conhecia. Estava ficando sem tempo, sem lugar para correr.

CAPÍTULO 4—A CORRIDA IMPLACÁVEL

Cada passo que eu tentava dar parecia se esticar por uma eternidade, como se o tempo estivesse preso em uma teia pegajosa e invisível que me envolvia completamente. O medo, agora uma presença sólida e sufocante, pesava sobre meus ombros como um manto de chumbo. Eu sentia esse medo em cada célula do meu corpo, uma ansiedade que não era apenas física, mas algo primordial, que corria no fundo do meu ser. O vento — aquele vento impossível, vindo de lugar nenhum — soprava contra mim, como se o próprio ar estivesse conspirando para impedir minha fuga. Eu avançava contra essa corrente invisível, mas cada movimento era arrastado, como se algo maior que eu estivesse controlando o ritmo dessa corrida insana.

À minha volta, o caos continuava a se desenrolar como uma cena de pesadelo.

As figuras de terno negro, aqueles homens flutuantes, se moviam em um silêncio assustador, indiferentes ao pânico e à destruição ao redor. Suas presenças eram estáticas, impassíveis. Eles pareciam fora do tempo, fora do espaço, meras sombras sem alma. A indiferença que eles exalavam era o que mais aterrorizava – não havia fúria em suas ações, não havia pressa ou hesitação, apenas uma certeza gelada, metódica, que se espalhava com eles como uma peste. Pareciam observar, mas de um modo que ia além do humano, como se estivessem em um plano superior de existência, onde nossas vidas não eram mais que detalhes insignificantes em um quadro maior, incompreensível.

O deslocamento do ar causado pelos tiros que passavam por mim rasgava o silêncio da noite com uma precisão fria. Eu podia sentir a vibração dos projéteis ao meu redor, zumbindo como mariposas negras ao redor de uma chama.

A cada tiro que me rodeava, eu me preparava para o impacto, mas de algum modo, quase milagrosamente, nada me atingia. A proximidade da morte era uma sombra constante, uma presença latente que eu sentia atrás de mim, como um predador à espreita. Mas algo – algo que eu não conseguia entender – desviava esses golpes fatais. Era como se o próprio universo estivesse dobrando as regras em torno de mim, criando uma proteção invisível, mas eu não sabia por quê. Não fazia sentido.

Havia uma sensação de que eu estava sendo preservado, como se fosse essencial que eu continuasse correndo, que eu testemunhasse o fim dessa noite infernal. Esse pensamento, que em outras circunstâncias poderia ter sido reconfortante, agora era apenas mais um peso. A ideia de ser "escolhido" em meio a tanto caos, de ser poupado enquanto aqueles ao meu redor eram ceifados sem piedade, não trazia alívio, mas um desconforto crescente.

O que havia em mim que merecia ser preservado? Por que eu, entre todos?

Enquanto essas perguntas rodavam na minha mente, a corrida continuava. Mas não era uma corrida comum. Era como se eu estivesse em um sonho, onde você corre com todas as suas forças, mas o chão parece ceder, como areia movediça, e o destino, por mais que esteja à vista, permanece inalcançável. Minhas pernas, pesadas como concreto, lutavam contra aquela resistência invisível, cada movimento drenando mais da minha energia, mas eu não tinha escolha. Eu precisava continuar. O ar ao meu redor parecia mais denso, mais difícil de respirar, e o espaço entre mim e o fim da corrida se esticava e dobrava, desafiando qualquer noção de lógica ou tempo.

As figuras continuavam flutuando, como juízes silenciosos, apenas observando.

O caos que haviam criado ao redor, as vidas interrompidas por seus tiros precisos, tudo parecia parte de um padrão maior que eu não conseguia ver. Cada tiro disparado, cada queda de alguém próximo, era como um golpe em minha sanidade. Meus amigos, pessoas que eu conhecia a vida toda, eram reduzidos a corpos sem vida no chão, e eu não podia fazer nada. Tudo ao meu redor desmoronava, e ainda assim, eu continuava correndo, impelido por uma força que não conseguia compreender.

Talvez fosse isso – talvez eu fosse destinado a sobreviver, mas não para escapar. Talvez minha corrida não fosse uma fuga, mas uma jornada para o centro do que quer que estivesse acontecendo. O que me esperava no fim dessa corrida não era a salvação, mas uma revelação que eu não estava pronto para encarar. O terror que me impulsionava não era apenas o medo da morte, mas o medo do que viria depois dela, do que eu veria quando chegasse ao final.

E, finalmente, quando a minha casa apareceu à vista, não houve alívio. O destino que eu havia corrido tanto para alcançar estava ali, diante de mim, mas o peso da corrida não me deixou sentir qualquer segurança. O sentimento de terror se intensificava a cada passo mais perto da porta, como se algo terrível estivesse prestes a se revelar.

CAPÍTULO 5 — OS HOMENS DE TERNO

Quando atravesssei a porta da minha casa, a sensação de alívio que eu esperava nunca veio. O ar dentro estava espesso, como se tivesse sido misturado com uma substância viscosa e difícil de respirar. A atmosfera era pesada, uma pressão invisível que me esmagava, como se a própria casa tivesse sido alterada, deformada de alguma forma por algo que eu não podia entender. Tudo parecia errado, completamente fora de lugar, mas ao mesmo tempo familiar, como se estivéssemos todos à beira de algo imenso, esperando, aguardando o inevitável.

Minhas mãos tremiam enquanto os olhos percorriam a sala. Meus pais estavam ali, sentados nas cadeiras de balanço, seus corpos rígidos e imóveis, como estátuas congeladas no tempo. Seus rostos, normalmente cheios de vida e expressão, agora estavam vazios, como se suas almas tivessem sido retiradas, deixando apenas cascas vazias.

Não havia sinais de dor ou sofrimento em seus olhos; apenas uma calma fria, como se estivessem aguardando algo com paciência assustadora. Minhas irmãs estavam no chão, em almofadas, em silêncio profundo. Seus corpos estavam lá, mas seus olhares estavam vazios, fixos em um ponto invisível, como se assistissem a um espetáculo que eu não conseguia perceber. A televisão estava desligada, mas parecia que algo além da tela atraía sua atenção.

O silêncio que preenchia o ambiente era ensurdecedor, um silêncio denso, como se as palavras, os gritos e os suspiros tivessem sido silenciados por uma força imensa. Cada movimento meu ecoava de maneira absurda, como se o próprio espaço ao meu redor estivesse saturado de uma energia estranha e desconcertante. Eu sabia que algo estava terrivelmente errado, mas a realidade parecia se distorcer ainda mais à medida que eu avançava para o interior da casa.

Foi quando olhei para trás deles que a verdadeira paralisia me atingiu. Atrás de minha família, em pé, em silêncio absoluto, estava ele. O homem de terno negro.

Ele era idêntico àqueles que eu havia visto flutuando sobre as larvas, seus rostos ocultos pela penumbra que envolvia sua figura. Seu terno negro parecia absorver a luz ao redor, fazendo-o se fundir com a escuridão da casa. Não havia nada de humano nele, nada que sugerisse vida, apenas uma presença, uma força imperturbável que dominava o espaço. Ele não se movia. Apenas ficava ali, em pé, imóvel, observando-me com olhos que não se mostravam, mas que eu sentia com um peso insuportável. Seus olhos, se fossem olhos, estavam onde o vazio existe – um espaço onde não há significado, apenas a sombra de algo incompreensível.

A sensação de impotência foi avassaladora. Eu queria gritar, correr para meus pais, sacudir minha mãe, sacudir meu pai, mas algo dentro de mim se partiu.

Algo me dizia que não havia mais como salvá-los, que aquela cena não era apenas uma distorção do real, mas uma quebra de um ciclo que eu não entendia. O homem de terno não falava, mas sua presença era suficiente para me fazer entender que ele já sabia de tudo. Ele já sabia o que aconteceria. Ele já havia esperado por mim.

Minhas pernas estavam pesadas, minhas mãos suavam, e o pânico ameaçava me engolir. Mas, como um reflexo instintivo, algo se acendeu dentro de mim, um fio de coragem, tão frágil quanto um estilhaço de vidro. Eu não podia simplesmente ficar ali, parado, observando. Era minha família. Eu tinha que agir, qualquer que fosse o custo.

Furtivamente, tentando não fazer nenhum som, me movi em direção ao homem. Minha mente gritava para que eu fosse rápido, que eu encontrasse uma forma de atacá-lo, de retirá-lo de cena, mas eu sabia, em algum lugar do fundo da minha mente, que isso seria impossível.

Ele não era um ser comum. Ele não era humano. Era uma manifestação, uma força que eu não poderia tocar.

A tensão aumentava a cada passo que eu dava, a cada respiração que tomava, e enquanto me aproximava dele, algo mudou. Uma leveza estranha se instalou em meu corpo, uma sensação que poderia ser chamada de calma, mas era uma calma perversa, algo que me dizia que não havia mais escolhas, que eu estava apenas cumprindo um papel no destino que se desdobrava à minha frente.

Antes que eu pudesse reagir, antes que eu pudesse dar o próximo passo ou sequer levantar a mão, ele se moveu.

Foi como um borrão, um movimento de uma velocidade além da percepção humana. Ele estava ao meu lado em um instante, mais perto do que eu jamais poderia imaginar, e sua mão – fria, imaterial – tocou meu ombro.

A leveza de seu toque contrastava com o pavor que invadiu minha alma. A pressão daquela simples tocada me fez sentir como se o chão tivesse se aberto sob meus pés. A sensação de que eu não era nada, que eu era apenas uma marionete na mão de uma força cósmica que não podia ser compreendida, tomou conta de mim.

"Não tenha medo", ele disse, com uma voz que não parecia vinda de sua boca, mas de algum lugar mais profundo, mais além de tudo o que eu poderia compreender. Era um som que ressoava não no ar, mas dentro de minha mente, uma voz que não era de um homem, mas de uma ideia, uma verdade irrefutável. "Você já sabe o que precisa fazer."

Eu queria gritar, queria correr, queria fazer qualquer coisa. Mas algo me mantinha preso, como se o ar ao meu redor estivesse pesado demais para ser respirado.

E, ao mesmo tempo, uma estranha sensação de entendimento começou a crescer dentro de mim, algo que me dizia que não havia mais escape. O homem de terno não era um inimigo, nem um aliado. Ele era um reflexo, uma representação de algo que estava além de mim.

E ali, em pé, no meio daquela sala gelada, com minha família ainda imóvel e distante, eu sabia que a noite estava longe de terminar. O homem de terno não era apenas uma presença, ele era o mensageiro. E concluiu:

- Você é um dos nossos!

CAPÍTULO 6 — O HOMEM NA SALA

— Não te preocupes — disse ele, sua voz baixa e fria —, você é um dos nossos.

Aquelas palavras caíram sobre mim como uma lâmina, cortando o ar pesado da sala. "Um dos nossos?" O que ele queria dizer com isso? Quem eram "eles"? De onde ele vinha? A pergunta ecoava em minha mente, mas a resposta parecia se esquivar de mim, como uma sombra que se dissolve sob a luz. As palavras dele se entrelaçavam com a pulsação de um medo profundo que já não sabia de onde vinha. O que estava acontecendo? O que significava ser "um dos nossos"?

Eu olhei para minha família, ainda sentada ali, imóveis. Meus pais, antes figuras de amor e cuidado, agora eram meras estátuas, os olhos fixos e vazios. Minhas irmãs não estavam presentes, apenas uma imagem de suas formas em transe, como se estivessem escravizadas a uma realidade que eu não conseguia alcançar.

Era como se estivessem aprisionadas no pesadelo de uma existência sem começo nem fim, e eu, impotente, os observava, sem saber como libertá-los.

O homem continuava a me observar, impassível, uma sombra em forma humana. Seus olhos, ou o que quer que estivesse naquele lugar, refletiam uma tranquilidade assustadora, como se ele já soubesse de tudo o que viria a seguir. Ele estava ali, mas não estava. Não parecia pertencer ao lugar, como uma manifestação de algo além do tempo e do espaço, um emissário do desconhecido, uma figura tão estranha e familiar ao mesmo tempo que se tornava impossível discernir sua verdadeira natureza. Quem era ele? E por que ele me dizia que eu era "um dos nossos"?

Voltei meu olhar para a televisão, ou melhor, para o vazio da tela. Não havia mais imagens, nem sons. Apenas um vazio profundo, que parecia me chamar, como um abismo que eu não queria encarar, mas não conseguia evitar.

E então, como se uma força invisível tivesse se apoderado de mim, fui atraído por aquele vazio, pelo espaço silencioso e inerte da tela. O som da casa, da minha respiração, parecia desaparecer. Eu não ouvia mais o som do meu próprio coração. O mundo ao meu redor começou a desvanecer, como uma neblina que se dissipa diante de uma chama. E naquele momento, o terror da noite, as figuras flutuantes, o trem, as mortes, tudo o que havia acontecido até então, desapareceu.

Eu acordei. O choque foi brutal, uma sensação de queda sem fim. Estava deitado em minha cama, os lençóis ainda pegajosos de suor frio. O ambiente estava familiar, a luz suave da manhã penetrava pela janela, mas havia algo profundamente errado. Algo que eu não podia nomear. A sensação de que algo se quebrara dentro de mim, algo que não poderia ser consertado. O que quer que eu tivesse experimentado, o que quer que tivesse sido aquilo, não parecia ser um sonho.

Não era algo fugaz, algo que fosse apagado com o nascer do sol. Não, aquilo tinha deixado uma marca, uma impressão, uma verdade que eu não sabia processar.

Eu não sabia o que tinha acontecido, mas uma coisa me era clara: o trem, os homens de terno, minha família, o vazio da televisão – isso tudo não era apenas um pesadelo. Não era uma invenção da minha mente cansada. Era real. Era algo que estava além de mim, além da compreensão de qualquer mente humana.

E uma outra sensação começou a crescer, lentamente, como uma semente que germina no escuro: a consciência de que eu estava no centro de algo maior, algo que não poderia escapar. O que se passava dentro de mim não era só o reflexo de um medo irracional. O que eu estava enfrentando – o que estava sendo me mostrado – não era algo externo, mas algo que me atravessava, como uma verdade ainda por ser descoberta, como uma porta que se abre para um abismo que nem mesmo eu sabia que existia.

Eu me perguntei, mais uma vez, quem sou eu? Quem sou eu, realmente?

A pergunta, simples e direta, se repetia em minha mente como um mantra. Mas, à medida que ela se repetia, uma certeza estranha começou a se formar. Talvez eu não fosse mais a pessoa que acreditava ser. Talvez todos nós não fôssemos. Estávamos todos imersos em uma realidade que não compreendíamos, que não podíamos controlar. Mas será que era isso que nos definia? Ou, na verdade, era a maneira como escolhemos olhar para aquilo que nos é imposto? Será que, de fato, éramos os donos de nossa própria história, ou éramos marionetes em uma peça de um teatro maior, onde os atores e o enredo são decididos por forças invisíveis?

A sensação de que eu era parte de algo maior, algo que transcende os limites da minha própria existência, não me deixava.

Era uma força que me envolvia, como se eu estivesse em meio a um turbilhão de pensamentos e realidades que se colidiam. E, no entanto, uma coisa estava clara: eu não poderia continuar a viver ignorante, sem me questionar. O autoconhecimento, a busca incessante pela verdade sobre quem somos, sobre o que somos realmente, estava diante de mim. Eu não poderia mais me esconder.

Como uma vela que se apaga, a consciência de mim mesmo começou a se expandir. Não mais como um simples ser vivendo no dia a dia, mas como uma consciência em busca de algo maior. Algo além das paredes que me cercavam, além das imagens que eu via com meus olhos humanos. Algo que não podia ser tocado, mas que se fazia presente, como um toque suave na alma. O homem de terno, a presença que havia me tocado, não era um inimigo. Ele era um mensageiro. Ele tinha algo a me ensinar. Algo que eu deveria descobrir por mim mesmo.

A noite não havia acabado. O jogo não havia terminado. Eu estava no meio de algo que ainda estava se desdobrando, e eu não sabia qual seria o próximo movimento. Mas agora, eu sabia de uma coisa: o caminho da verdade não é linear. Ele se desvia, se curva, se perde. Às vezes, ele é doloroso. Às vezes, ele nos leva para um abismo sem fim. Mas a única maneira de avançar é abraçar a incerteza, a escuridão, e a verdade que vem com ela.

Quem sou eu? Eu não sei ainda. Mas uma coisa é certa: eu não sou mais a mesma pessoa. E, talvez, nunca mais o seja.

CONTOS

Oníricos

NO PACATO BAIRRO PINDORAMA, UM GRUPO DE AMIGOS REVIVE MOMENTOS DE INFÂNCIA EM UMA NOITE APARENTEMENTE TRANQUILA. PORÉM, O SOM DE UMA VOZ VINDA DAS PROFUNDEZAS DO COSMOS QUEBRA A HARMONIA, ANUNCIANDO A CHEGADA DE UM TREM NEGRO E MÍSTICO. EM MEIO AO CAOS QUE SE SEGUE, O PROTAGONISTA ENFRENTA UMA CORRIDA CONTRA O TEMPO, CERCADO POR VISÕES APOCALÍPTICAS E HOMENS DE TERNO QUE FLUTUAM SOBRE A LAVA, ELIMINANDO SEM PIEDADE OS QUE CRUZAM SEU CAMINHO. A REVELAÇÃO FINAL, DE QUE ELE PODE SER UM DOS 'NOSSOS', COLOCA SUA PRÓPRIA IDENTIDADE EM XEQUE, DEIXANDO-O À BEIRA DE UM ABISMO DE MISTÉRIO E INCERTEZA. UM CONTO DE SUSPENSE, FILOSOFIA E MISTÉRIO, 'O TREM' É UMA EXPLORAÇÃO PROFUNDA DO DESCONHECIDO, ONDE REALIDADE E SONHO SE ENTRELAÇAM DE MANEIRA PERTURBADORA."



DREAMWALKER